

Onde moram as palavras

Luísa Ducla Soares*

RESUMO

A casa de habitação como lugar onde moram as palavras conduzem a narrativa imagética deste ensaio literário de Ducla Soares e o percurso das próprias palavras: desde as que nos batem à porta vindas do estrangeiro às que regressam vindas de África ou do Brasil; das palavras sujas e grosseiras da casa de banho às que esperam no escritório um beijo de amor. **Zoom.** A palavra salta para uma Casa habitada por 215 milhões de habitantes. Orgulho? Nem tanto. Uma Casa de muitos falantes mas pouca comunicação, de tantos escritores “proibidos” de atravessar o Atlântico, de tantos cidadãos “proibidos” de ler, de literaturas que se ignoram, uma língua com milhares de palavras não ditas e muitos escritores esquecidos.

Um contributo importante para uma reflexão sobre a questão da língua portuguesa e a narração oral.

Quando me pediram para abordar o tema “Onde moram as palavras”, eu, que tenho o hábito de tudo visualizar, logo me pus a imaginar uma casa de habitação com várias divisões.

À entrada, uma sala de estar onde as palavras se estendem no sofá-cama dos hábitos, em conversas insonsas, e por lá adormecem, a ver televisão.

Atrás fica um quartinho de criança onde elas brincam, saltam, se divertem com jogos, trava-línguas, acrobacias. Os adultos sisudos evitam entrar nessa assoalhada e passam a vida a dizer: “Tenham juízo! Tenham juízo!”.

No escritório perfilam-se grossos volumes encadernados com letras de ouro nas lombadas: São enciclopédias poeirentas, recheadas de vocábulos eruditos que têm a mania de dar lições. A sua voz grave abafa os suspiros de uns livrecos de poemas que sonham que alguém, um dia, os virá abrir, devolvendo-os à vida com um beijo de amor.

* escritora

Todas as casas têm uma casa de banho. Que fazem lá as palavras? Algumas, gastas e suadas, lavam-se e saem fresquinhas, como novas. Outras são, de sua natureza, sujas e grosseiras. Não há sabonete que lhes valha nem desodorizante capaz de lhes tirar o mau cheiro. Mesmo assim, há quem use e abuse da sua companhia.

A alma das casas, onde arde o fogo sagrado, é a cozinha. Aí escritores e narradores cozinham, com maior ou menor requinte, as palavras e com elas fazem belos petiscos ou, se a inspiração não ajuda, iguarias intragáveis.

Encontram-se sempre muitas palavras a bater à porta de entrada. Umas vêm da província e chamam-lhes, com desprezo, provincianismos. Outras vêm de Inglaterra, da América com mala aviada de termos técnicos, off-shores, e-mails, I-pods. As do Brasil, da África já cá moraram e agora regressam, bronzeadas do sol dos trópicos e trazem consigo amigas que por lá fizeram, bué curiosas e expressivas.

Se os donos da casa lhes franquearem o ingresso, virão estragar, adulterar a velha casa da língua?

Ou, pelo contrário, trarão uma lufada de ar fresco capaz de a vitalizar?

Qual é, de facto, a situação da língua portuguesa?

Com orgulho nos poderemos vangloriar de pertencer ao conjunto de privilegiados que dispõem de um idioma que ocupa o 5º lugar a nível mundial, falado por 215 milhões de habitantes de 7 países que a têm como língua oficial na Europa, América do Sul, África e Oceânia. Além disso continua a ter expressão em Macau, em Goa, Damão e Diu, na Guiné Equatorial, une à sua volta os membros de comunidade emigrantes espalhadas pelo mundo (em França, Luxemburgo, Canadá, Estados Unidos da América, África do Sul, Venezuela).

Com orgulho, nos podemos vangloriar, dizia eu. Mas também com mágoa, na medida em que o analfabetismo, a iliteracia grassam nos territórios lusófonos impedindo que atinja, em estatuto cultural, o posicionamento que atingiu em expansão.

Não se tornou veículo de comunicação científica. Contando com poetas e ficcionistas de primeira água de um lado e outro do Atlântico e nas margens do Índico, os oceanos não têm servido como estradas de comunicação mas como barreiras à plena circulação dos livros que em português de Portugal e do Brasil se publicam.

Recordo, a propósito, o desabafo amargurado de Alice Gomes, escritora e estudiosa de literatura infantil com quem privei, que tinha um neto único residente em S. Paulo, a quem enviava, naturalmente, quanto escrevia. Pois o garoto estava proibido de ler os textos da avó para não desaprender a ortografia correcta e não se contaminar com portuguesismos inconvenientes.

No campo da literatura infantil, especialmente, os dois países se encontram de costas voltadas.

Será que os esforços conjuntos dos membros da CPLP e o acordo ortográfico irão inverter a situação, fazendo com que a língua seja sentida como herança a gerir em comum, independentemente das disparidades políticas, geográficas, históricas, sociais de cada um dos estados que constituem esta comunidade?

A língua, quer no padrão europeu, que se mantém nos territórios africanos e timorense, quer no padrão sul-americano, não pode ficar guardada dentro duma espécie de muralha da China de purismos artificiais porque é um organismo vivo, tem asas para

voar e só ganhará em conhecer e assimilar tudo o que a possa enriquecer. Mas, se convém que se abra ao presente e ao futuro, urge que não olvide o passado, revisitando os clássicos e assimilando, em cada geração, a riqueza que nos foi legada.

Muito facilitismo tem ditado, a nível escolar, um afastamento de leituras para muitos consideradas fundamentais. Não sou pedagoga e não irei alongar-me sobre o assunto que, no entanto, merece bastas interrogações.

Recordemos que o vocabulário básico do português é constituído por umas 2.000 palavras, de entre as 350.000 que constituem o nosso património dicionarizável. Mas quantos dos nossos jovens irmãos falantes não usam mais de umas dezenas? Para certos adolescentes os verbos reduziram-se a *ser, querer, estar, ir, curtir*. Para substantivos bastam duas palavras: *coisa* ou *cena*. Para nome próprio, *meu* ou *minha* servem perfeitamente,

Ó meu, curtes a cena? É bué fixe!

A linguagem escrita torna-se telegráfica devido às imposições dos sms, aos chats da Internet.

Ñ te esqueças d xave d karro hj a noite,plz (Não te esqueças da chave do carro, por favor)

O q 6 taum fzendo agora (O que vocês estão fazendo agora?)

Os ícones e smiles substituem frases inteiras e descrições de estados de alma.

Estava eu a meditar nesta pauperização linguística acentuada pelo desprezo pelo texto literário quando, ao folhear um volume de Aquilino Ribeiro, deparei com um texto que gostaria de citar:

“A leitura, de resto, pode ser e é uma forma de ensinaça sem deixar de ser uma diversão. De modo que a palavra estranha ou ignorada é na leitura como um monumento que o turista encontra no seu caminho e visita se é curioso. Só na nossa terra, sem nenhuma espécie de alfândega mental, se arvorou o princípio de que se escreva apenas com os termos que sejam acessíveis ao vulgo. O mesmo se recomenda quanto a livros para criança (...). Com efeito, não parece nada pedagógico que o autor considere a inteligência infantil apenas no estádio já percorrido ou segundo uma estratificação de faculdades”.

Partilhando esta sessão com o narrador mexicano Rodolfo de Castro, sou tentada a focar duas moradas de palavras que se presume que estejamos a representar.

A da linguagem escrita, manuscrita ou impressa, com que todos lidamos nos jornais, nas revistas, nas cartas, nos blogues, nos editais, e, acima de tudo, na sua cristalização teoricamente mais perfeita, nos livros.

A da linguagem falada, que saltita na ponta da língua, espontânea e natural. Que se banaliza em conversas, gagueja nos exames orais, se eleva nas canções, se empolga nos discursos demagógicos dos políticos e que resplandece na voz de actores, declamadores, narradores.

Ao longo de séculos foram estes os grandes divulgadores da cultura popular, os parceiros privilegiados dos meninos sedentos de histórias e brincadeiras com palavras.

Relegados para segundo plano com a massificação do livro, e mais ainda com o advento da televisão e do computador, assistimos hoje à revitalização do ofício de narrador, solicitado para sessões em escolas, colóquios, bibliotecas. Talvez por uma necessidade de humanização.

Na minha infância lisboeta dos anos quarenta não conheci contadores profissionais mas o contacto com a literatura oral foi fundamental para despertar em mim o amor pelas palavras. Com lengalengas, trava-línguas, poemas tradicionais ou de autor, declamados, brinquei bem mais gostosamente que com as bonecas de papelão e celulóide que me impingiam.

O inesgotável reportório de meu pai, que não era jogral mas médico, o anedotário jovial ou as narrações terríficas de uma criada velha foram para mim mais importantes, nessa fase da vida, que todos os livros. Porque eram literatura corporizada, em que a presença do narrador, as múltiplas formas de expressão vocal e gestual me fascinavam.

Numa abordagem às infâncias de numerosos escritores verifico que algo de semelhante com eles se passou. Guerra Junqueiro, António Nobre referem-se às amas que debitavam histórias ou canções para adormecer, Eça de Queiroz recorda o criado negro que o sentava nos joelhos para contar histórias, Sophia de Mello Breyner foi tocada pela fascínio da Nau Catrineta. Aquilino Ribeiro em *Cinco Reis de Gente* e no *Livro de Marianinha* reproduz os trechos que ouvia em garoto. Muitas e curiosas páginas se poderiam encher com indeléveis recordações similares.

O meu gosto pela narração oral me levou também a iniciar-me como contadora de histórias no dealbar da adolescência quando descobri que o meu irmão mais novo com elas se entretinha e deliciava. Irrequieto, levado da breca, não se afazia aos textos dos livrinhos que havia lá por casa, que achava sonsos, exigindo heróis mais irreverentes, estapafúrdios e provocatórios que eu me divertia a pôr em acção. Fiz um pacto com ele. Se se portasse bem contava-lhe meia hora de histórias por dia, Assim, armada em Sherazade de trazer por casa, cheguei a fazer uma história que durou três anos. Nunca a escrevi, embora a tal fosse repetidamente instada, porque foi feita para viver num registo que o papel não podia captar. E porque gosto de inventar no momento em que redijo.

Um narrador tem uma extraordinária vantagem ou desvantagem (conforme os pontos de vista) em relação ao escritor. Põe à prova, imediatamente, a sua capacidade de comunicação e o interesse da matéria que apresenta. Um público ou ouvinte singular desagradado pode cabecear, abandonar a sala, vaiar. Ou, pelo contrário, pode exprimir com palmas ou silêncio absorto o seu entusiasmo.

Eu, com o meu irmão pequeno, aprendi quase tudo o que hoje sei sobre a arte de contar. Foi o mais atento e sincero de todos os críticos.

Se tenho, com gosto, contado muitas histórias a crianças, familiares e não só, a minha timidez não me permite fazê-lo numa grande audiência nem com adultos por perto. E tenho pena.

Meti-me pelos atalhos onde me leva a minha inseparável lapiseira mas, especialmente ao escrever para os mais novos, não rejeito os ensinamentos da oralidade.

Aliás, quando escrevo um livro, tenho forçosamente de o ler em voz alta enquanto o rabisco pois a imagem gráfica, a transmissão de uma mensagem para mim não têm sentido se não forem acompanhadas da marca da palavra audível. O ritmo, as rimas, as

aliterações, todos os jogos possíveis com a argila da palavra me fascinam. E se a um livro falta um sorriso, um esgar de medo, um brilho no olhar, um gesto de mãos, eles têm de ser compensados ao menos pela sonoridade.

Estando nesta mesa ao lado de um contador encartado, penso nas nossas diferenças. Diante de um auditório inibo-me. O que penso, o que sinto, o que construo, faço-o em recolhimento, longe de todos, com a segurança de poder emendar vezes sem conta. Os livros que escrevi, uma vez publicados, tornaram-se autónomos, andam por aí, pelas livrarias, pelas escolas, em mãos desconhecidas e só me dão um retorno se comparecer em sessões suscitadas pelo Plano Nacional de Leitura ou iniciativas semelhantes.

Um narrador vive da exposição. Ele próprio é a sua obra, corpo, voz e palavra, quando apresenta o que imaginou. Pode encarnar a voz poderosa de um povo exprimindo-se pela sua boca ao retomar narrativas tradicionais ou a de um autor com todas as suas singularidades.

Entre ambos os artífices da língua, os que a falam e os que a escrevem, se abre muitas vezes um fosso.

O escritor outorga-se a esperança da perenidade da sua obra. Mesmo que ninguém a leia, ficará para sempre guardada, nem que seja na Biblioteca Nacional, memória de uma nação. Para quem escreve ele? Para si próprio? Para os críticos? Para um público imaginário?

Camões leu, de viva voz, *Os Lusíadas* a D. Sebastião, não lhos enviou para que ele os apreciasse no silêncio das salas abobadadas. Pena é que até a poesia deixasse de ser lida e declamada, passando a constituir uma muda forma de comunicação, tão avessa à sua essência.

Aliás, verdade se diga, que certa produção literária actual, se passasse pelo crivo da comunicação oral depressa desinteressaria os ouvintes. Quantos romancistas não querem ou não sabem contar uma história, enredando-se em labirintos de experimentalismos e perdendo-se nas dobras do subconsciente? Há poetas que se atolam no hermetismo, talhado à medida de um qualquer modelo de vanguarda. E, arrimados a chavões, alguns ensaístas prosperam num círculo fechado de mútuas influências e panegíricos.

Às vezes, como no conto de Andersen *O fato novo do Imperador*, poucos têm coragem de exclamar “O rei vai nu!”, descobrindo a dificuldade de comunicar de escrivinhadores conceituados.

Movemo-nos num mundo palavroso em que as palavras raramente brotam, belas e significantes do silêncio primordial. Uma peste se abateu sobre a faculdade que melhor caracteriza a humanidade, o uso da fala, tornando-a amorfa, falha de força, significado, expressividade na visão de Ítalo Calvino.

Urge lutar contra essa epidemia.

Estão connosco professores, animadores culturais, bibliotecários, artesãos da língua e a eles cabe, prioritariamente, revitalizar a comunicação.

No dizer tão expressivo de Mia Couto é preciso “desanoitecer” as palavras. Dar-lhes clareza, despertá-las para que elas nos despertem, para que se revelem aguçadas como espadas e litem. Para que sejam ternas e reinventem a gasta palavra amor. Para que se tornem música e suporte exacto de informação. Para que alcancem a capacidade de emocionar. A propósito gostaria de partilhar convosco um belo texto do *Livro do*

Desassossego de Bernardo Soares, heterónimo de Pessoa, que tanto se pode aplicar à língua escrita como falada.

“Há páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noute em que, ainda criança, li pela primeira vez, numa selecta, o passo célebre de Vieira sobre o Rei Salomão.” Fabricou Salomão um palácio... “E fui lendo até ao fim, trémulo, confuso, depois rompi em lágrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele imprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou o instinto como uma grande emoção (...)”.

Até chegar à Faculdade, onde imperava o fascínio de David Mourão Ferreira, tive uma professora, apenas uma, que abriu para mim a cortina do palco da língua portuguesa e me revelou o esplendor dos textos. Todos os outros se conformaram com obrigações do programa, regras gramaticais, perguntas de interpretação, cronologias de movimentos literários. Eu não soube agradecer-lhe, aos dez anos, a lição de encantamento que nunca mais esqueci.

Ela ensinou-me que há palavras mágicas. E não são “Abre-te Sésamo” ou “abracadabra”, que, de tão rotineiras, perderam de todo o feitiço.

Certos narradores, como Cristina Taquelim, conseguem encarná-las num auditório, despertando em nós emoções semelhantes às que Pessoa sentiu. Por isso, obrigada, Cristina.

Escritor, narrador, conferencista, interlocutor, todos temos à nossa disposição um tesouro imenso que nos legaram e que cada geração vai acrescentando: o nosso idioma.

Onde moram as palavras?

Aqui e agora, em Beja, onde se inicia o circuito das palavras andarilhas, muitas se preparam para uma viagem, de biblioteca em biblioteca, guardadas nos livros, ganhando voz em muitas bocas de adultos e crianças.

Mas elas estão em toda a parte. Sussurram-nos ao ouvido num jardim, educam-nos na escola, defendem-nos em tribunal, ditam as leis que nos regem, compõem as cartas de amor.

Para terminar gostaria de dar a palavra a um poeta, Álvaro de Magalhães, que inseriu o poema que vão partilhar num livro para crianças que, como todos os bons livros para crianças, se destinam a todas as idades.

O LIMPA-PALAVRAS

Limpo palavras.

Recolho-as à noite, por todo o lado:

a palavra bosque, a palavra casa, a palavra flor.

Trato delas durante o dia

enquanto sonho acordado.

A palavra solidão faz-me companhia.

*Quase todas as palavras
precisam de ser limpas e acariciadas:
a palavra céu, a palavra nuvem, a palavra mar.
Algumas têm mesmo de ser lavadas,
é preciso raspar-lhes a sujidade dos dias
e do mau uso.
Muitas chegam doentes, outras simplesmente gastas, estafadas,
dobradas pelo peso das coisas
que trazem às costas.*

*A palavra pedra pesa como uma pedra.
A palavra rosa espalha o perfume no ar.
A palavra árvore tem folhas, ramos altos.
Podes descansar à sombra dela.
A palavra gato espeta as unhas no tapete.
A palavra pássaro abre as asas para voar.
A palavra coração não pára de bater.
Ouve-se a palavra canção.
A palavra vento levanta os papéis no ar
e é preciso fechá-la na arrecadação.*

*No fim de tudo voltam os olhos para a luz
e vão para longe, leves palavras voadoras
sem nada que as prenda à terra,
outra vez nascidas pela minha mão:
a palavra estrela, a palavra ilha, a palavra pão.*

*A palavra obrigado agradece-me.
As outras, não.
A palavra adeus despede-se.
As outras já lá vão, belas palavras lisas
e lavadas como seixos do rio:
a palavra ciúme, a palavra raiva, a palavra frio.*

*Vão à procura de quem as queira dizer,
de mais palavras e de novos sentidos.
Basta estenderes um braço para apanhares
a palavra barco, a palavra amor.*

*Limpo palavras.
A palavra búzio, a palavra lua, a palavra palavra .
Recolho-as à noite, trato delas durante o dia.
A palavra fogão cozinha o meu jantar.
A palavra brisa refresca-me.
A palavra solidão faz-me companhia.*